

# A modalidade tradutória audiodescrição poética como prática, recurso e arte

## The translation modality poetic audio-description as practice, resource and art

Liliam Cristina Marins\*

Resumo: este artigo objetiva analisar o trabalho de Audiodescrição poética (ADp) proposto para o livro infantil *O Jabuti não tá nem aí* (2021), de Itamar Assumpção, com ilustrações de Dalton Paula. O livro faz parte do programa *Leia para uma criança*, promovido pelo Itaú Social, que disponibiliza livros audiovisuais com múltiplos recursos de acessibilidade. A análise da ADp deste livro, que foi finalista do Prêmio Jabuti e recebeu o selo altamente recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), pretende mostrar como este processo tradutório se materializa como um recurso de acessibilidade para a formação leitora de crianças cegas. Ao considerar que a ADp busca produzir roteiros de audiodescrição como expressão artística (Menezes 2019), legitima-se a existência de processos de expansões de sentido na tradução do visual em verbo-auditivo, além de mobilizar movimentos de expansões interpretativas e sensoriais.

Palavras-chave: tradução; acessibilidade; audiodescrição poética.

Abstract: this study aims at analyzing the poetic Audio-description produced for the children's book *O jabuti não tá nem aí* (2021), written by Itamar Assumpção and illustrated by Dalton Paula. The book is part of the program *Leia para uma criança*, promoted by Itaú bank, which offers audiovisual books with multiple resources of accessibility. The book was the finalist in the Jabuti Award and received a

---

\* Universidade Estadual de Maringá; [liliamchris@hotmail.com](mailto:liliamchris@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-9954-4985>.

recommendation from *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* (National Foundation of Children's and Youth Books). The analysis shows how this translation process is materialized as a resource of accessibility in the reading development of blind children. Considering that ADp seeks to produce scripts of Audio-description as an artistic expression (Menezes 2019), it legitimates the existence of a process of meaning expansion in the translation from sight to hearing, in addition to stimulating the movement of interpretive and sensory expansions.

Keywords: translation; accessibility; poetic Audio-description.

## Introdução

Pensar a tradução a partir da existência de diferentes corpos<sup>1</sup>, tanto na produção, quanto na circulação e recepção de materiais traduzidos, é uma pauta que considero necessária nos estudos críticos da tradução, já que nossa comunicação se dá por meio de ontoepistemologias<sup>2</sup> que tocam diferentes modos de existir. Sendo a tradução uma forma de comunicação, esta deve levar em conta também as capacidades comunicativas das pessoas com deficiências em suas diferentes subjetividades e demandas. Para isso, existem recursos de acessibilidade que são uma forma de tradução, como a Audiodescrição, que é uma modalidade alocada dentro dos estudos de tradução audiovisual.

Segundo Menezes (2019), a profissão de audiodescriptor está incluída no Código Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego, dentro da categoria de tradutores, desde 2013. Este reconhecimento legitima conceber a tradução fora dos limites do verbal e do meio impresso, já que a Audiodescrição é “a tradução intersemiótica da linguagem dos signos visuais, das imagens, para a linguagem verbal, das palavras” (Brahemcha, 2021, p. 12). Ou seja, verbaliza-se o que pode ser visto, de forma a permitir que essas informações fiquem disponíveis para serem recebidas por meio da audição, não apenas por pessoas cegas e com baixa visão, mas também por pessoas com dislexia, com autismo e com déficit de atenção, pois, segundo Motta e Romeu Filho (2010), este recurso também funciona como uma maneira de ampliar o entendimento para os grupos mencionados acima.

---

<sup>1</sup> Compreendo “corpo”, de acordo com Nascimento (2021), como um sinônimo de “corpo-político”, que tem sua experiência de existência reconhecida e legitimada.

<sup>2</sup> Compreendo ontoepistemologias como formas inseparáveis de existir, pensar, agir e conhecer.

Ao considerar estes diferentes corpos, Ferrari (2023) nos convida a pensar o mundo a partir do outro e, de forma mais específica, a partir do outro com deficiência, o que envolve não apenas questionar o conceito de deficiência e defender a sua normalização, como também adaptar o mundo físico às diferentes necessidades de Pessoas com Deficiências (PCDs). Estas adaptações ambientais são importantes para a concretização de um mundo mais ecológico<sup>3</sup>, segundo Ferrari (2023), que seria um mundo físico adaptado às diferentes necessidades de PCDs e que valoriza a pluralidade de seres/saberes. Dentre estas adaptações, para a pessoa não enxergante, é necessário disponibilizar recursos de acessibilidade que promovam uma participação efetiva em diferentes práticas sociais, como a Audiodescrição e o Braile.

Em livros literários infantojuvenis, por exemplo, as ilustrações são fundamentais para sua materialidade, uma vez que, juntamente com o projeto gráfico, são elementos complementares à produção de sentidos (Turchi, 2002). Isso significa que o livro infantil é um material verbo-visual que não deveria ter esta relação intersemiótica rompida, a fim de proporcionar às crianças não enxergantes condições de acesso à literatura e à sua formação enquanto leitoras de forma justa, assim como ocorre com as crianças enxergantes. Embora seja muito comum encontrarmos à nossa disposição, na contemporaneidade, audiolivros, inclusive, do gênero literário, são poucos os materiais deste universo que disponibilizam também audiodescrições das imagens que compõem sua materialidade, em especial, para o público infantil.

Segundo Sá (2020: 5), “ainda existe uma lacuna na oferta de livros acessíveis para pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e mobilidade reduzida”. Diante da escassa produção de livros literários audiodescritos pelo mercado editorial - que vai na contramão dos dados apontados pelo último censo do IBGE, realizado em 2023, que contabiliza mais de seis milhões de pessoas com deficiência visual no Brasil -, projetos idealizados pela iniciativa privada e por algumas associações que defendem as causas de PCDs contribuem na disponibilização deste recurso.

---

<sup>3</sup> Segundo Ferrari (2023, p. 83), “o mundo ecológico seria feito de escadas e rampas, de semáforos mais baixos de frente aos pedestres, de ruas pavimentadas, de portas largas e automáticas, de esteiras na areia da praia para facilitar o acesso (cadeira de rodas e areia fofa não combinam!), de corredores largos nos mercados e lojas, de balcões altos e baixos..”.

Diante desta constatação, o objetivo deste artigo é não apenas apresentar e divulgar a Audiodescrição e, de forma específica, a Audiodescrição poética (doravante ADp) de livros literários infantis ilustrados, como também analisar o trabalho de ADp para o livro *O jabuti não tá nem aí* (2023), de Itamar Assumpção, com ilustrações de Dalton Paula, pelo projeto *Leia para uma criança*, promovido pelo Itaú Social. O livro foi finalista do Prêmio Jabuti em 2022 e recebeu o selo altamente recomendável, da Fundação Nacional do livro infantojuvenil (FNLIJ)<sup>4</sup>.

Para Menezes (2019: 90), que analisa a ADp no campo das artes visuais, “a concepção da ADp resulta da intenção de produzir roteiros a partir de uma visão sensível dos atores de AD envolvidos no projeto acessível”. Desta forma, a ADp parte da premissa de que a audiodescrição pode ser abordada não apenas como um recurso de acessibilidade, mas também como uma produção artística, sinestésica e sensorial, que expande sentidos e perspectivas.

## 1. Audiodescrição e audiodescrição poética: recurso, prática e arte

A tradução de imagens em palavras narradas é, de forma bastante resumida, o processo que caracteriza a Audiodescrição. Segundo Barbosa (2021: 30), a conversão de linguagens gestuais e imagéticas para outros sentidos além da visão significou para pessoas cegas ou com baixa visão o acesso a interações sociais sem prejuízos interpretativos ou conceituais, graças ao “conceito social da deficiência [que] fortaleceu ainda mais a proposta inclusiva do acesso à informação por meio da tradução das imagens”. Este conceito social de deficiência se opõe ao modelo patológico, que vê na deficiência uma falta no corpo de algo considerado “normal”. Para Ferrari (2023), a construção social move a ideia de deficiência do indivíduo para a sociedade, que foi construída para receber o padrão e não a diferença.

---

<sup>4</sup> O selo Altamente Recomendável é concedido anualmente pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) ao melhor da produção editorial brasileira para crianças e jovens.

Em termos técnicos e profissionais, a produção de uma Audiodescrição se dá em algumas etapas principais, a saber: produção de um roteiro, consultoria por uma pessoa com deficiência visual e locução. A participação do consultor pode ocorrer não necessariamente nesta ordem, mas, para se obter uma maior eficácia na AD, esta etapa não pode ser ignorada. Segundo Barbosa (2021: 32), o consultor avalia a qualidade do roteiro, critica, questiona, revisa e também propõe “novas construções tradutórias, a partir da observação criteriosa e sustentada nas diretrizes da audiodescrição”. É este profissional que trabalhará na qualificação e validação dos roteiros, de forma a analisar os “atributos semânticos, lexicais, encadeamento de ideias, organização das orações, clareza, coerência e vividez da audiodescrição frente a imagem que se quer esculpir” (Barbosa, 2021, p. 32).

Dentre as diretrizes técnicas para a elaboração de audiodescrições, há o guia *Audio Description Coalition* (ADC), produzido nos Estados Unidos entre 2007 e 2008. Segundo Menezes (2019: 62), estão reunidas neste guia “as melhores práticas e padrões em AD [...] para a elaboração e desenvolvimento de roteiros”, embora sejam práticas que têm como premissa noções de imparcialidade, neutralidade discursiva e invisibilidade do audiodescriptor. A justificativa para uma abordagem como esta se apoia, principalmente, na busca por se evitar uma atitude capacitista. No entanto, “interpretações são inevitáveis e [são] causação e efeito de nossa existência, dos lugares que tomamos na estrutura da linguagem, da vida” (Frota, 1996, p. 89). Desta forma, sendo o audiodescriptor um tradutor, “não é possível ao autor ser fonte única do que escreve, como não é possível ao tradutor a isenção que em geral lhe é exigida” (Frota, 1996, p. 89). Esta cadeia interpretativa é construída a partir de filtros sociais, culturais e subjetivos, da mesma forma como ocorre com as construções verbais. É importante ressaltar que a interpretação não perpassa apenas a elaboração do roteiro, como também a locução, que, por meio da entonação da voz, é uma camada a mais na cadeia de construção de sentidos que constitui a AD. Em conteúdos visuais audiodescritos, o receptor sempre entrará em contato com um produto intermediado, traduzido, interpretado (Vergara-Nunes, 2016).

As principais diretrizes que constituem este guia são: 1) descrição do que pode ser visto efetivamente, como aparência e ações; 2) descrição objetiva, que se distancie de interpretações, explicações, análises e suposições; 3) descrição livre de condescendência ou inferiorização do público-alvo; 4) descrição que recorra a uma linguagem consistente e apropriada para o público e para a faixa etária; 5) descrição de características faciais e de cor da pele, evitando menção à raça, etnicidade e nacionalidade; 6) descrição que recorra a termos elucidativos, factuais e diretos; 7) descrição distante de uma linguagem vaga, poética ou eufemista.

Contrariando alguns destes princípios, segundo Vergara-Nunes (2016, p. 169), o audiodescriptor pode recorrer a afetos e emoções porque estimulam e incitam o receptor, o que não significa, necessariamente, subestimar o público a que se destina ou desvalorizar suas capacidades interpretativas.

Para Alves e Teixeira (2015), a AD, apesar de não ser contemplada como um elemento durante a construção de uma obra, passa a ser contemplada inevitavelmente na construção dos sentidos a partir do momento em que é apreciada juntamente com o produto final. Neste sentido, a Audiodescrição de livros se apresenta como uma ferramenta de acessibilidade importante para a formação leitora da criança com deficiência visual, uma vez que as ilustrações complementam e expandem o texto escrito.

Embora livros também possam contar com o braile, um sistema de escrita tátil, que é outro recurso de acessibilidade voltado para pessoas não enxergantes, a AD possibilita que o leitor opte por qual sentido lhe é mais aprazível. Como afirma Barbosa (2021, p. 31),

ao transportar para a audição a capacidade de enxergar, também se passou a considerar que a compreensão de mundo para quem não recorre a visualidade é possível mediante a experimentação de recursos imagéticos que lhes são instigados pela verbalização dos conceitos, fortalecendo assim a relevância da audiodescrição, pois ela provoca na pessoa cega ou com baixa visão uma ruptura das estruturas físicas (aquilo que pode ser tocado) para a compreensão do mundo pelo que pode ser imaginado.

O contato da criança não enxergante com a literatura audiodescrita promove expansões de sentidos, estimulando sua imaginação e oferecendo

ferramentas linguísticas e semânticas para uma percepção diferente do mundo. No Brasil, não há um guia voltado especificamente para a elaboração de AD de produtos culturais endereçados ao público infantojuvenil. No entanto, o *Audiodescription for children, do Royal National Institute of Blind People* (2006), é um documento que pode ser utilizado para a delimitação de alguns parâmetros, embora seja voltado para a realização de ADs de imagens dinâmicas e não estáticas, como é o caso do livro infantil. Reconheço sua aplicabilidade parcial aos materiais com imagens estáticas, como aqueles analisados neste artigo, mas acredito que podem ser um termômetro para pensarmos em diretrizes futuras.

Alguns dos parâmetros divulgados pelo *Audiodescription for children*, que são menos rígidos que os apresentados no *Audio Description Coalition*, referem-se à/aos 1) quantidade de material descrito, que não deve ser muito robusta para não sobrecarregar a leitura da criança; 2) linguagem, que deve ser simples, divertida, lançando mão de rimas e da aliteração; 3) efeitos sonoros, cuja funcionalidade vai além de uma mera ferramenta de recreação, mas também podem expandir os sentidos das descrições.

A partir de uma abordagem mais expansiva na construção de sentidos, a Audiodescrição poética (ADp) surge do desejo de elaborar projetos relacionados a produtos de circulação artística acessíveis. No entanto, esta acessibilidade seria alcançada segundo uma visão mais sensível dos profissionais envolvidos na criação de roteiros “com forças discursivas únicas e originais, evidenciando que sejam capazes de explorar as suas individualidades [...] em forma de expressão poética” (Menezes, 2019, p. 91).

A ADp é um convite à imaginação e à materialização de alternativas criativas na elaboração de roteiros de AD. Menezes (2019) estabelece parâmetros distintos entre a AD padrão, que descreve o que está posto na imagem, segundo o princípio da objetividade, da linguagem neutra e da invisibilidade do audiodescriptor, e a ADp, que tem como foco a descrição a partir da poética visual, da subjetividade dos audiodescritores, das emoções e dos sentimentos que podem ser construídos pela linguagem.

Em uma perspectiva contemporânea, não somente a ADp, mas a AD em geral, é um exercício que exige estudo no que diz respeito às inferências e às

interpretações, que culminam em um movimento constante de pesquisa de alternativas verbais que “garantam o entendimento sem super ou subestimar a capacidade de entendimento e história de vida do outro” (Galvão; Beltramini, 2021, p. 240). Depreendo, assim, que a audiodescrição, seja ela classificada como poética ou não, é um ato de busca por justiça social e de construção de um mundo mais ecológico.

## 2. Audiodescrição poética de *O Jabuti não tá nem aí*

Leia para uma criança: livros audiovisuais acessíveis é um programa desenvolvido pelo banco Itaú, cujo objetivo é “distribuir livros de literatura infantojuvenil de qualidade para famílias, organizações da sociedade civil e secretarias de educação de todo o país” (Itaú Social, s.d., p. 1). Em sua página na web, no link “Estante digital”, há 25 “livros audiovisuais acessíveis voltados para os leitores com deficiência” (Itaú Social, s.d., p. 1). O catálogo está em constante expansão, o que permite que livros publicados recentemente também sejam divulgados com ferramentas de acessibilidade. Dentre estes livros, todos voltados para o público infantojuvenil, com duração de cerca de 13 minutos, encontra-se *O jabuti não tá nem aí*, publicado pela Editora Caixote em 2022. Este livro é o segundo da coleção de inéditos Itamar para crianças, cujo objetivo é homenagear Itamar Assumpção, que foi compositor, cantor e instrumentista. Segundo Paulo Tatit (2022, s. p.), no posfácio do livro *O jabuti não tá nem aí*, “a prática do autor em fazer letras para canções foi emprestada para este texto, que flui naturalmente com suas rimas inesperadas e bem-humoradas”.

O livro, que trata sobre natureza e animais, conta com as ilustrações de Dalton Paula, educador e artista visual. Em biografia disponibilizada no site da editora<sup>5</sup>, Dalton Paula afirma ter como guia de seu trabalho a investigação “das

---

<sup>5</sup> Informações disponíveis em: <https://editoracaixote.com.br/produtos/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/#:-:text=%220%20jabuti%20n%C3%A3o%20t%C3%A1%20nem,e%20hist%C3%B3ria%20do%20noss%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 15 abr. 2024.

influências da diáspora negra na história brasileira". Neste sentido, ao ser convidado a ilustrar esta obra inédita de Itamar, artista negro e grande contribuinte da música popular brasileira, Dalton Paula afirma ter "sentido o chamado da ancestralidade". Com obras já expostas em museus como o MASP e o Instituto Tomie Ohtake, além da Bienal de São Paulo, o artista, em coautoria com o poeta, mostra como a convergência entre ilustração, texto e projeto gráfico constitui a manifestação do estético na literatura infantil contemporânea (Turchi, 2002).

A poética visual em *O jabuti não tá nem aí* é indispensável, assim, no contato como obras como esta. Por isso, a produção de uma ADp para este material pode proporcionar uma experiência literária, sinestésica e sensorial ao destacar a presença da imagem como elemento que participa da construção de sentidos.

O vídeo que contém o recurso da ADp, disponibilizado no site do Itaú Social<sup>6</sup>, divulga o trabalho de acessibilidade para pessoas cegas e surdas, o que vem ao encontro às necessidades de PCDs, que são discriminadas por serem impossibilitadas de acessar a literatura (Sá, 2020). Como a literatura e o conceito de leitura sempre estiveram relacionadas tradicionalmente a uma perspectiva ocular e considerando que as pessoas cegas, no passado, limitavam sua convivência entre seus pares, nos seus próprios mundos e "desconectados de uma visualidade" (Barbosa, 2021, p. 29), este produto cultural ficou, por muito tempo, inacessível para a comunidade não enxergante. No entanto, a produção de Audiodescrições e, em especial, de audiodescrições poéticas como a presente em *O jabuti não tá nem aí*, pode contribuir para um acesso a produtos culturais mais igualitário, pois, "quando submetidas a experiências acessíveis, as pessoas cegas ou com baixa visão podem aprender e interagir com o mundo sem prejuízos interpretativos e conceituais" (Barbosa, 2021, p. 29).

A apresentação da audiodescrição como poética é um diferencial deste projeto, já que se propõe ir além de uma simples descrição imagética, expandindo a experiência da criança leitora-ouvinte. Assim, considera-se uma autoria colaborativa entre poeta, ilustrador, audiodescriptor e locutor ao contar

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>. Acesso em: 19 de março de 2024.

a história de um jabuti que toca vários instrumentos e “não tá nem aí” para estereótipos e críticas construídas a respeito do seu andar vagaroso.

Após esta breve contextualização da obra e de seu contexto de produção e circulação, apresento a abordagem metodológica à qual recorro para a análise da obra, que será pautada pelo guia *Audiodescription for children*, do Royal National Institute of Blind People (2006), e pela proposta de audiodescrição poética descrita por Menezes (2019).

Dentre as características compartilhadas por Menezes (2019) estão: 1) os objetivos propostos pela produção do material a partir da consideração do contexto de partida e de chegada; 2) a relação entre a AD e o texto da obra a ser audiodescrita, de forma a observar a visibilidade do audiodescriptor, que é materializada em diferentes movimentos de expansões interpretativas; 3) e a observação do público a que se destina a AD, ou seja, se a poética visual e o receptor são considerados ao refletir emoções e sentimentos na adequação da linguagem. Já em relação às orientações apresentadas no *Audiodescription for children*, do Royal National Institute of Blind People (2006), as balizas de análise estão relacionadas à quantidade de descrição, à linguagem utilizada na AD e à presença de efeitos sonoros.

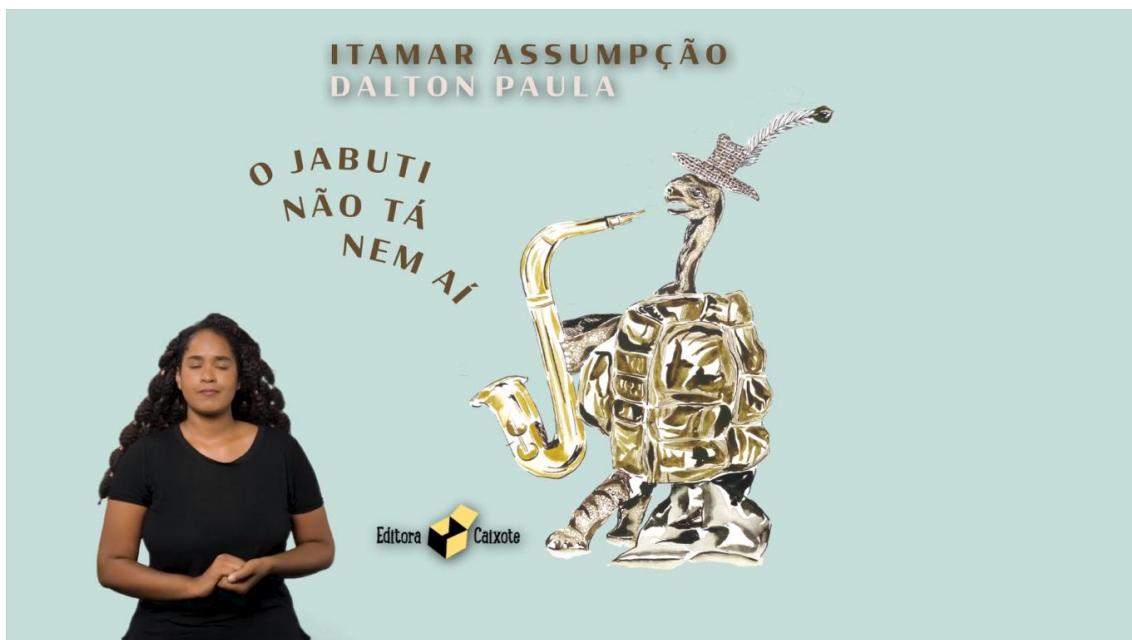
Neste artigo, não são analisadas todas as páginas e suas respectivas audiodescrições por conta da limitação de espaço. Foram selecionados, assim, nove recortes verbo-visuais e suas ADps que podem ilustrar princípios propostos pelos documentos acima mencionados. Vale destacar que as ilustrações presentes no vídeo apresentam movimento em sua grande maioria.

A necessidade da ADp para o acesso de uma criança cega a um livro infantil pode ser verificada já no contato com a capa, que é um dos elementos decisivos para a aquisição de um livro, segundo pesquisa realizada por Hanke (2023). As informações contidas na capa de um livro, além daquelas de caráter técnico, como nome do autor, do ilustrador, da editora e o título do livro, contam quase que exclusivamente com uma ilustração, com uma imagem. Ou seja, mesmo sendo um audiolivro, sem a ADp, a criança não teria acesso a este elemento significativo para o primeiro contato com a obra.

A associação Mais diferenças. Educação e culturas inclusivas<sup>7</sup>, que foi criada em 2005 e é responsável pela produção da ADp presente no material analisado, é constituída por militantes com e sem deficiência de diferentes áreas e trajetórias de trabalho e cujos “projetos e iniciativas são realizados por meio de parcerias com os setores público e privado, terceiro setor, universidades, organizações internacionais e nacionais” (Mais Diferenças, s.d., p. 1).

A ADp proposta para a capa (Figura 1 abaixo) busca uma ludicidade ao recorrer, por exemplo, às palavras “pedra” e “pressa”, sugerindo um travalíngua na troca do “r” da última sílaba de “pedra” para a primeira de “pressa”.

Figura 1 - Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 00:27



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

ADp: Um jabuti  
sentado numa pedra  
toca o saxofone  
sem nenhuma pressa

<sup>7</sup> Disponível em: <https://maisdiferencias.org.br/quem-somos/sobre-nos/>. Acesso em: 19 de março de 2024.

Para mais, o audiodescriptor priorizou a descrição dos acessórios que compõem a imagem do jabuti, como o chapéu e a pena, mas deixou, por outro lado, de descrever as cores da ilustração. Segundo Brahemcha (2021, p. 12), existem “vários motivos para trazer as cores para a audiodescrição, como a dimensão cultural e sinestésica delas, a relação extravisual que alguém pode criar com os conceitos das cores ao longo da vida e da imersão cultural”. Por isso, entendo que optar por não descrever as cores neste projeto gráfico é um aspecto negativo. Isso me levou a questionar se o material passou, de fato, pela etapa da consultoria. Para Barbosa (2021, p. 30), que é consultora, “o Roteirista precisa de consultor porque quem enxerga tem influências do que vê e dos repertórios que enxerga com mais frequência”. Além de não ser apresentado o nome de um consultor, também não é divulgado o nome do audiodescriptor (apenas a associação responsável pela produção do recurso de acessibilidade), o que reforça, a meu ver, a invisibilidade destes profissionais mesmo quando há tentativas de democratizar o acesso a bens culturais a pessoas cegas.

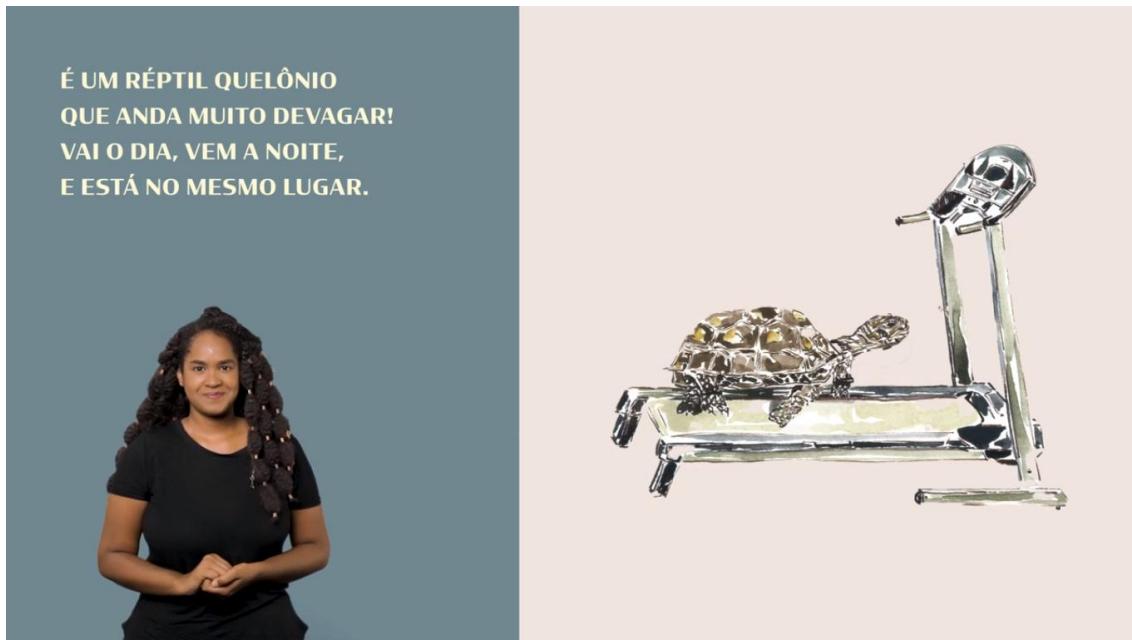
Em relação à locução, que é outro pilar importante da construção de uma AD (Carvalho; Leão; Palmeira, 2017), destaca-se, em alguns momentos, inclusive na ADp da capa, a prosódia. Segundo Franco (2021, p. 61), a prosódia é “a melodia da língua, a metalinguagem que usamos para dar significado”. Quando o locutor lê “sem pressa”, o ritmo é pausado, refletindo na fala o sentido verbal. Para Franco (2021, p. 61), “as pessoas que falam num único ritmo, sem inflexões são difíceis de serem ouvidas, e se elas não tiverem nenhuma prosódia então, aí fica muito mais difícil”. Se pensarmos no leitor-ouvinte criança, a habilidade de comunicação por meio da prosódia é fundamental para que a recepção do material pelo público-alvo seja bem-sucedida.

Outro aspecto importante de ser mencionado em relação à ADp da capa é a presença de uma cadência nas rimas imperfeitas do segundo e do último versos. Além de ser uma adequação à proposta de Audiodescrição poética do material, o esquema rítmico traz musicalidade à ADp, promovendo, em certa medida, uma intertextualidade com o autor, que é músico e que transportou esta característica para a obra analisada. Como Paulo Tatit (2023) já questiona no posfácio do livro: “Será que o Itamar já estava pensando numa melodia para

estes versos?”. O projeto de ADp precisa, assim, sempre considerar o contexto de produção do material verbal, como afirma Menezes (2019).

Na ADp representada na figura 2 a seguir, destaco o movimento de expansão interpretativa do audiodescritor. Uma AD objetiva acabaria no termo “academia”, que é o que a visualidade nos dá de informação.

Figura 2: Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 02:59



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

ADp: O jabuti faz exercício  
Na esteira da academia  
Será que é um indício  
Que ele melhora algum dia?

O restante da quadrinha é, desta forma, uma interpretação expandida do audiodescritor, talvez, com a intenção de produzir rimas para caracterizar o processo de ADp.

Em relação à locução na ADp desta página, destaco as pausas e a entonação do locutor. Segundo Franco (2021, p. 60), na AD (bem como na ADp), é preciso um envolvimento “ao máximo com os nossos sentimentos e buscar fazer da nossa fala também uma obra que impressione a escuta do nosso ouvinte com a beleza das palavras pronunciadas”. A locução do material, além de

bastante clara, também ressalta esta beleza das palavras nas pausas ritmadas que trazem sentido às palavras.

Diferentemente das ADps das páginas anteriores (que descrevem imagens de cores mais neutras), na ADp representada pela imagem a seguir, há a descrição de cores tanto para o carro, quanto para o balão. Como nesta imagem as cores são mais vivas, pode ser que a ideia do audiodescriptor seja justamente fazer esse contraponto ao optar por descrever, neste momento, as cores. Um aspecto negativo quanto a esta falta de padronização na ADp é que pode confundir o leitor e levá-lo a questionar o motivo de uma ilustração estar colorida e outras, não.

Figura 3: Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 03:53



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

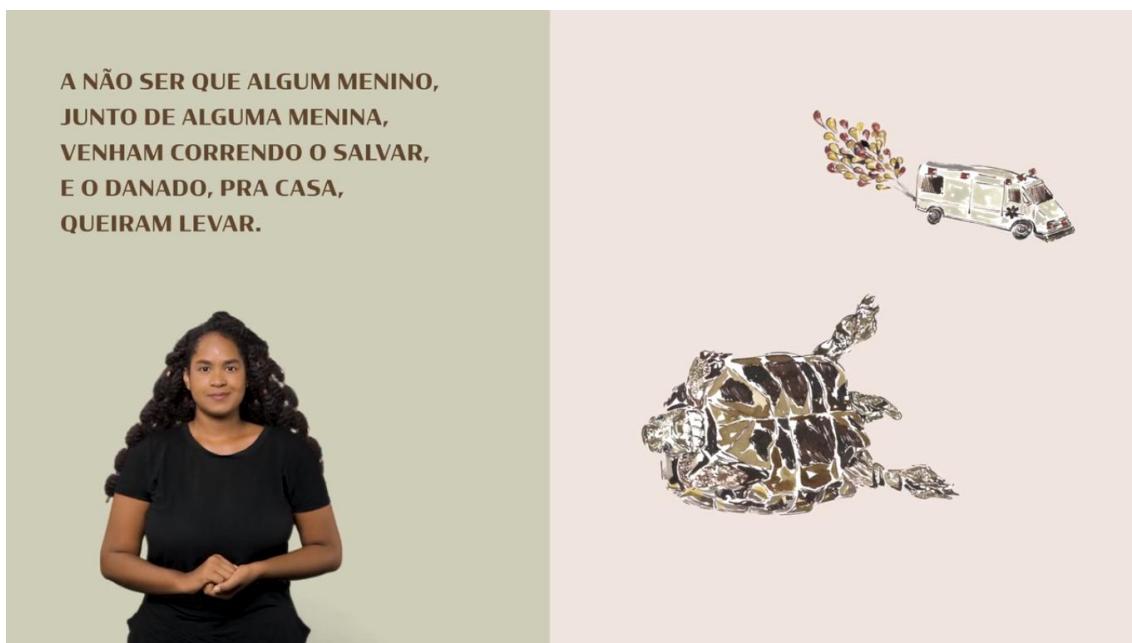
ADp: O jabuti num carro de corrida  
levado por um balão  
O carro é vermelho  
O balão colorido  
Haja imaginação!

Ao optar pelo último verso, em “haja imaginação!”, além de construir uma rima, o audiodescriptor também se posiciona enquanto coautor da obra, já que esta é uma expressão de sua opinião materializada no fato de haver um

balão em um carro de corrida, algo que causaria um estranhamento imediato fora de um contexto. Há, também, um aspecto importante a ser ressaltado nesta ADp, que é o destaque do locutor na leitura estendida do “i” na palavra “coloriido”, que mostra a importância da descrição de cores na AD e na ADp, mas que, neste material, não se faz presente em todas as ADps.

Na ADp apresentada a seguir, um ponto interessante de ser analisado é em relação ao último verso - “que balançam no ar”. Esta expansão interpretativa do audiodescriptor pode ser abordada como uma complexidade, pois as imagens, no vídeo, estão animadas, então, há movimento. No entanto, esta informação em relação à animação das ilustrações não consta na divulgação do material. Por outro lado, o uso dos verbos de ação nesta e nas outras ADps pode ter sido uma solução do audiodescriptor para representar a ideia de movimento.

Figura 4: Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 05:35



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

ADp: O jabuti, caído de costas,  
Vê uma ambulância passar  
Ela puxa balões coloridos  
Que balançam no ar

Na ADp da página seguinte, representada na figura 5 abaixo, embora haja um trabalho criativo e autoral do audiodescriptor na construção das rimas, vale ressaltar que há algumas balizas que precisam direcionar o trabalho com a linguagem e que são determinadas pelo diálogo entre o próprio texto e a ilustração. Um exemplo desta baliza está relacionado ao último verso, que incluiu o termo “sacola” para construir a rima com “bola”.

Figura 5: Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 06:05



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

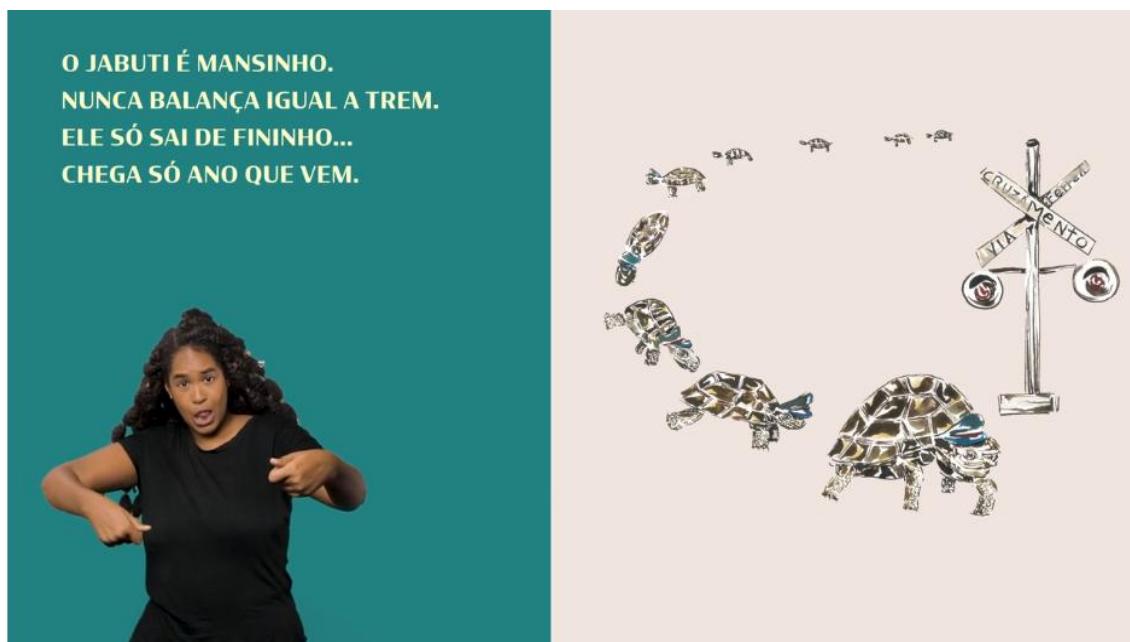
ADp: Numa bicicleta de três lugares  
O jabuti vai passear  
Com um menino e uma menina  
Eles seguem a pedalar  
o jabuti tem na mão uma bola  
E não uma sacola

O termo “sacola” pode ter ficado deslocado de uma produção de sentidos, mostrando que, em alguns momentos, a busca pela rima transcende o objetivo de descrever a imagem; ou seja, nesta situação, qualquer outra palavra que rimasse com “bola” poderia substituir o termo “sacola”. Desta forma, mesmo que seja evidente que o objetivo da audiodescrição, ao ser poética, seja o trabalho com o ritmo, a linguagem e a musicalidade, estaria

este objetivo acima do objetivo de descrição dos elementos da imagem?<sup>8</sup> Como estamos ainda em processo de construção de uma base prática e teórica dos estudos da ADp, questões como esta ainda se apresentam como complexidades do processo e que necessitam, por conseguinte, de maior reflexão.

Na ADp apresentada a seguir, vale destacar a preocupação com o público receptor, que é a criança cega. A explicação da expressão “via férrea” como “que é o mesmo que linha do trem” mostra o cuidado do audiodescriptor com a adaptação do vocabulário ao universo linguístico da criança.

Figura 6: Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 06:59



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

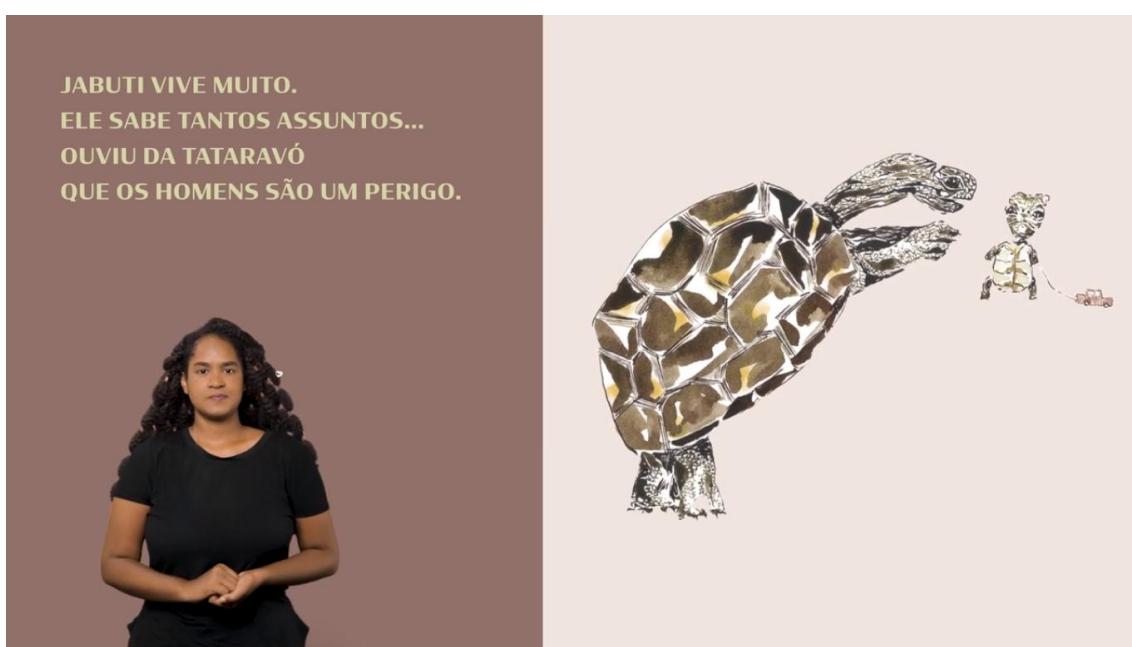
ADp: o jabuti caminha lá do fundo  
 com um chapeuzinho azul  
 como se fosse um maquinista  
 passa do lado de um poste  
 cruza por uma pista  
 No poste, está escrito  
 cruzamento de via férrea  
 que é o mesmo que linha do trem

<sup>8</sup> Embora tenha questionado a escolha tradutória nesta ADp, vale destacar que, considerado o objetivo a que se propõe este artigo, não se busca, aqui, apresentar alternativas e sugestões de audiodescrições para as imagens analisadas.

Como “via férrea” pode não fazer parte do corpo linguístico dominado por uma criança, a explicação da expressão é relevante e não significa, neste caso, uma postura capacitista. Para Vergara-Nunes (2016, p. 168), “em alguns casos a intrusividade poderia ser aceita, se isso propiciar o compartilhamento do conhecimento com a pessoa cega”. Esta intrusividade não pode incorrer, no entanto, em “subestimar a inteligência do receptor da audiodescrição e sua capacidade de interpretação do conteúdo visual audiodescrito”. (Vergara-nunes, 2016, p. 168).

Na ADp proposta a seguir, além das rimas, o destaque é para a estratégia de dedução. Recorre-se a esta estratégia quando não se tem uma imagem clara, levando o audiodescriptor a realizar uma dedução de uma ação por meio da interpretação da imagem. Neste caso, como o jabuti está bem próximo ao jabutizinho, na direção do seu ouvido, o audiodescriptor optou pelo verbo “cochichar”, que pode ser validado pela imagem. Para a criança cega, esta escolha direciona um sentido para a ação do jabuti sem, no entanto, subestimar sua capacidade de compreensão da imagem.

Figura 7: Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 10:27



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

ADp: O jabuti pequenininho

segura uma corda  
e puxa um carrinho  
A tataravó, logo ao lado,  
lhe fala ao pé do ouvido  
cochicha para o jabutizinho

Com relação à utilização de efeitos sonoros para expandir os sentidos presentes em uma imagem, destaco este recurso no momento em que o jabuti está meditando. Para complementar a interpretação do verbo “meditar”, o locutor se vale da inserção de sua própria respiração, o que traz um efeito interessante para a interpretação da imagem, conferindo, também, uma pausa para a locução. As pausas e silêncio são, de acordo com Franco (2021, p. 61), importantes para quem está acompanhando uma AD, pois “a pausa bem colocada é o tempo para uma reflexão, para ordenar as ideias e voltar com uma bela inflexão”.

Figura 8: Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 11:35

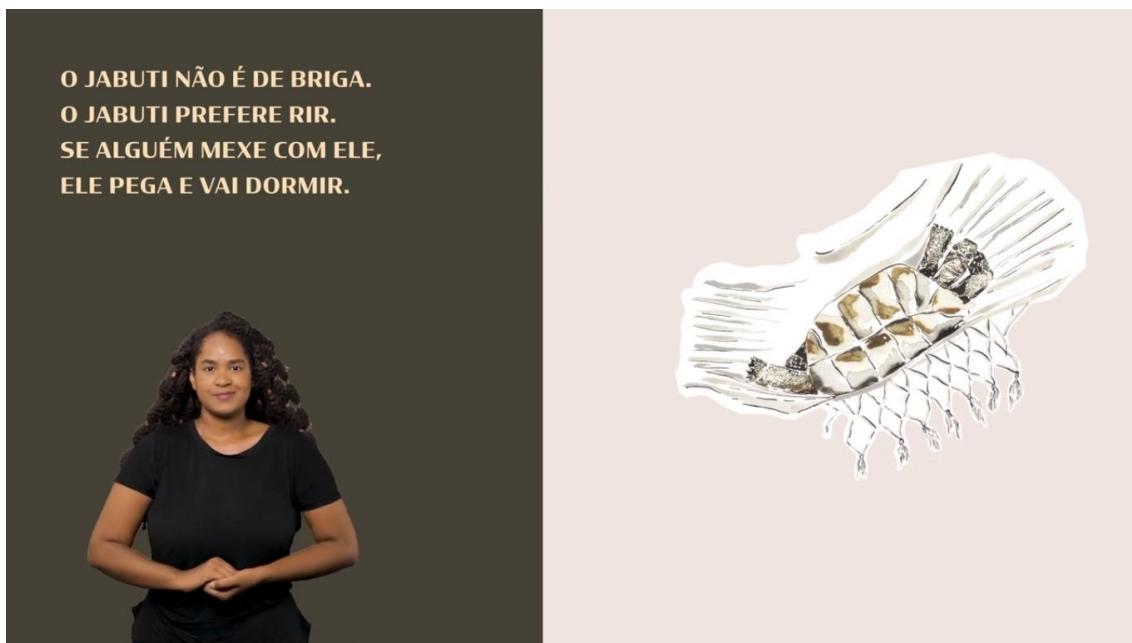


Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

ADp: Entre um incenso e uma flor de lótus,  
o jabuti medita  
Agachado, de boca fechada  
E braços abertos

Por fim, nesta última ADp, destaco a expansão interpretativa da imagem pelo audiodescriptor, que optou por descrever que o jabuti está “relaxado” para “não ser incomodado”. Estas expansões, além de plausivelmente validadas pela imagem, são necessárias para que a criança extrapole os sentidos promovidos apenas pela linguagem verbal, enriquecendo sua leitura com a linguagem imagética também.

Figura 9: Print do vídeo *O jabuti não tá nem aí* no minuto 12:10



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/o-jabuti-nao-ta-nem-ai/>.

ADp: Deitado na rede  
o jabuti relaxado  
de braços esticados  
para não ser incomodado

A ADp proposta, não apenas neste último momento, como em todo o material, destaca-se, assim, pelo cuidado com a poética visual da obra, que atende às demandas do público infantil em termos de linguagem e de acessibilidade. O respeito à quantidade de material descrito, equilibrado com a quantidade de material verbal, é importante neste processo para que o acesso da criança não enxergante aconteça de forma equiparada com o tempo de leitura e interpretação de uma criança enxergante às ilustrações.

As ADps propostas no livro infantil *O jabuti não tá nem aí* oferecem à criança com deficiência visual não apenas descrições das imagens, mas um trabalho artístico, criativo e sensível às demandas necessárias à formação de uma criança leitora que não tem a visão como sentido disponível. Valorizar este corpo com deficiência é não apenas uma pauta política e social, mas, acima de tudo, humana.

## Considerações Finais

A análise mostrou que a ADp de *O jabuti não tá nem aí*, como prática, recurso e arte, levou em consideração não apenas o contexto de partida e de chegada, como também a relação entre a AD, a poética visual e o texto da obra a ser audiodescrita. Embora algumas sugestões de padronização possam ser indicadas no trabalho, a AD está de acordo com as premissa da AD poética e também com o guia de audiodescrição, pois valoriza o trabalho do audiodescriptor, ao materializar diferentes movimentos de expansão interpretativa das ilustrações, que fogem de uma mera descrição do que pode ser visto, acolhendo o leitor criança em momentos em que ela precisa de uma adaptação linguística, de um efeito sonoro para reforçar os sentidos verbo-visuais ou de uma rima que traga musicalidade e ludicidade, que são todas formas de evocar emoções e sentimentos na criança.

Embora pensar a literatura pelo viés da acessibilidade da pessoa com deficiência seja um exercício de deslocamento, este exercício é indispensável se a literatura é, de fato, um direito humano, como defende Antônio Cândido (1995). Se este direito é violado a algum corpo, fere-se a proteção à dignidade, que deveria reconhecer o valor de cada indivíduo, conferindo respeito e igualdade.

## Referências bibliográficas

- ALBIR, A. H. A Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. **Competência e tradução**. Cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 15-57.
- ALVES, S. F.; TEIXEIRA, C. R. Audiodescrição para pessoas com deficiência visual: princípios sociais, técnicos e estéticos. In: SANTOS; C.; BESSA, C. R.; LAMBERTI, F. (org). **Tradução em Contextos Especializados**. Brasília: Editora Verdana, 2015, p. 417-441.
- ASSUMPÇÃO, I. **O jabuti não tá nem aí**. São Paulo: Editora Caixote, 2021.
- BRAHEMCHA, F. A cores ou em cores, afinal? In: PERROTTI-GARCIA, A. J.; BRAHEMCHA, F. (Org.). **Ao vivo e a cores**: relatos de casos de audiodescrição de eventos ao vivo. São Paulo: Editora Livro falante, 2021, p. 12-16.
- BARBOSA, Luciane Maria Molina. Esculpindo imagens com palavras: a consultoria em audiodescrição. In: PERROTTI-GARCIA, A. J.; BRAHEMCHA, F. (Org.). **Ao vivo e a cores**: relatos de casos de audiodescrição de eventos ao vivo. São Paulo: Editora Livro falante, 2021, p. 29-38.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.
- CARVALHO, W. J. A; LEÃO, B. A; PALMEIRA, C. T. Locução e audiodescrição nos estudos de tradução audiovisual. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, n. 56.2, p. 359-378, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/RMYkBwCGmp63KpKZhDTfyQy/?format=pdf&lang=pt>.
- FERRARI, L. Deficiência, linguagem e decolonialidade: e se pensássemos o mundo a partir da deficiência? In: IFA, S.; MENICONI, F. C.; NASCIMENTO, A. K. (Org.). **Linguística aplicada na contemporaneidade**: práticas decoloniais, letramentos críticos e discurso no ensino de línguas. 1. ed. Campinas: Pontes, 2023, p. 68-87.
- FRANCO, E. Uma tarde no museu com Jorge Amado: relato de uma visita guiada com audiodescrição para o público com deficiência intelectual. In: PERROTTI-GARCIA, A. J.; BRAHEMCHA, F. (Org.). **Ao vivo e a cores**: relatos de casos de audiodescrição de eventos ao vivo. São Paulo: Editora Livro falante, 2021, p. 114-135.
- FROTA, M. P. Tradução, pós-estruturalismo e interpretação. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 83-90, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5077>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GALVÃO, M. S. P.; BELTRAMINI, F. B. O pensar inclusivo no poder criativo de projetos de eventos: um benefício para a acessibilidade. In: PERROTTI-GARCIA, A. J.; BRAHEMCHA, F. (Org.). *Ao vivo e a cores: relatos de casos de audiodescrição de eventos ao vivo*. São Paulo: Editora Livro falante, 2021, p. 357-370.

HANKE, J. **Ampliação do público machadiano**: a ação do mercado editorial. 2023. 156 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2023. Disponível em: <https://ple.uem.br/teses-e-dissertacoes/doutorado-2020/doutorado-2023-2025>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ITAÚ SOCIAL, LEIA COM UMA CRIANÇA: LIVROS AUDIOVISUAIS ACESSÍVEIS. **O jabuti não tá nem aí**. 2021. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/chapeuzinho-amarelo/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

MAIS DIFERENÇAS. **Educação e cultura inclusivas**. Disponível em: <https://maisdiferencias.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MENEZES, M. **ADp**: framework de audiodescrição poética. 2019. 253 p. Tese (Doutorado) - Universidade De Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36020>. Acesso em: 04 abr. 2024.

MOTTA, L. M. V. M., ROMEU FILHO, P. **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

NASCIMENTO, G. **Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala**: marcar o não-marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 60, n. 1, p. 58-68, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661808>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ROYAL NATIONAL INSTITUTE OF BLIND PEOPLE. **Audio description for children**. 2006. Texto publicado no site do RNIB. Disponível em: [https://access2arts.org.au/wp-content/uploads/2017/02/AD\\_for\\_Children\\_Guidelines.pdf](https://access2arts.org.au/wp-content/uploads/2017/02/AD_for_Children_Guidelines.pdf). Acesso em: 10 abr. 2024.

SÁ, L. R. S. Audiodescrição em livros e publicações curtas. In: SÁ, L. R. S.; HUBERT, L.; NUNES, J. S. **Introdução à audiodescrição**. Brasília: ENAP, 2020, p. 5-8.

TATIT, P. Posfácio. In: ASSUMPÇÃO, I. **O jabuti não tá nem aí**. São Paulo: Editora Caixote, 2021.

TURCHI, M. Z. O estatuto da arte na literatura infantil e juvenil. In: TURCHI, M. Z.; SILVA, V. M. T. **Literatura Infanto-Juvenil: Leituras críticas**. Goiânia: Editora da UFG, 2002, p. 23-31.

VERGARA-NUNES, E. **Audiodescrição Didática**. 2016. 411 p. Tese (Doutorado) - Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167796>. Acesso em: 10 abr. 2024.